

Entre Telas e Páginas:

Booktubers, Booktokers e Bookstagrammers na Cultura da Leitura

Lívia da Silva Borba¹
Bruno César dos Santos²

Resumo

A leitura passou por profundas transformações ao longo dos anos. Se antes era uma prática restrita às elites, hoje tornou-se mais acessível, extrapolando o formato físico e migrando também para o ambiente digital. Essa mudança não substitui o livro impresso, mas amplia seu alcance, tornando a leitura mais democrática e inclusiva. Nesse contexto, o fenômeno Booktube revolucionou a forma como a crítica literária é produzida e consumida, transformando a experiência individual da leitura em uma prática coletiva e interativa. A criação dessa comunidade virtual possibilitou que leitores compartilhassem impressões, recomendações e reflexões sobre obras literárias, incentivando o diálogo e o engajamento com a literatura. O presente estudo analisa as transformações nos modos de leitura e o papel dos influenciadores digitais nesse processo, destacando seu impacto na formação de novos leitores e nos hábitos de consumo literário. Os resultados apontam que, embora esses mediadores promovam a leitura e ampliem o interesse por livros, o Brasil ainda enfrenta uma redução no número de leitores, causada por fatores como a ausência de incentivo à leitura desde a infância e a desigualdade de acesso a bens culturais. Compreender esses impactos digitais é fundamental para refletir sobre as novas experiências de leitura e os desafios da cultura literária contemporânea.

Palavras-chave

leitura digital; influenciadores literários; cultura contemporânea; Booktube; hábitos de leitura.

1. Introdução

A leitura, em suas múltiplas formas e suportes, constitui um dos pilares fundamentais da cultura humana e acompanha, historicamente, as transformações tecnológicas e sociais da sociedade. O tema “Livros e tecnologia: a evolução da leitura” propõe refletir sobre a forma como

¹ Aluna do curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM) e participante do programa de Iniciação Científica da FAPCOM. E-mail: 222571@sou.fapcom.edu.br;

² Professor dos cursos Bacharelados, Licenciatura e Tecnólogos da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM) e docente dos grupos de pesquisa “Infotainment, kitsch e endereçamento: diálogo informal, humor velado e hibridismo genérico em programas telejornalísticos e talkshows brasileiros” e “Histórias do Rádio e da TV: Em prol da construção do museu da fala do radialismo paulista” E-mail: bruno.santos@fapcom.edu.br;

os avanços tecnológicos modificaram as práticas leitoras e o modo de interação com o conhecimento.

A justificativa para essa investigação reside na necessidade de compreender como as novas mídias, os dispositivos digitais e as plataformas virtuais influenciam o comportamento do leitor contemporâneo e redimensionam o papel do livro como mediador cultural. Em um contexto marcado pela convergência entre o impresso e o digital, compreender essa relação é essencial para analisar as implicações cognitivas, sociais e culturais da leitura na era da informação.

Autores como Chartier (2019) e Santaella (2013; 2018) discutem que a leitura é um fenômeno histórico e mutável, atravessado por mudanças nos suportes e nas práticas culturais. Chartier enfatiza que a transição para o digital não substitui o livro impresso, mas redefine suas funções simbólicas e cognitivas, instaurando novas experiências de leitura. Santaella, por sua vez, aponta que o leitor do século XXI é um sujeito conectado e multitarefa, cuja atenção é disputada por múltiplas linguagens e estímulos.

Complementarmente, Coscarelli (2016) propõe que a leitura digital não elimina a tradicional, mas ressignifica o ato de ler, exigindo novas estratégias de compreensão, interação e produção de sentido. Essas perspectivas convergem com as reflexões de Cosson (2018), para quem a leitura é uma prática social capaz de formar sujeitos críticos e participativos, independentemente do suporte utilizado.

A problemática central que orienta este estudo consiste em investigar de que modo as inovações tecnológicas, ao ampliarem o acesso e a mobilidade da leitura, afetam os hábitos, as práticas e a mediação cultural entre leitores e textos. Nesse sentido, busca-se compreender se a leitura digital, marcada pela rapidez e pela conectividade, contribui para fortalecer o vínculo com o ato de ler ou se tende a fragmentar a experiência leitora e reduzir sua profundidade reflexiva.

A hipótese que sustenta esta pesquisa é que, embora as tecnologias digitais transformem a relação com o texto, elas não suprimem o livro físico nem diminuem o valor da leitura; ao contrário, ampliam suas possibilidades e democratizam o acesso ao conhecimento, desde que acompanhadas por políticas de incentivo e formação leitora.

A metodologia adotada é de natureza bibliográfica, fundamentada na análise teórica de autores que abordam a leitura e a tecnologia sob diferentes perspectivas. Foram consultadas obras

de referência, como as de Chartier (2019), Coscarelli (2016), Cosson (2018) e Santaella (2013; 2018), além de relatórios e dados recentes divulgados por fontes como o Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br, 2023), E-commerce Brasil (2024) e PublishNews (2024), que contextualizam o panorama editorial e digital contemporâneo.

O estudo, portanto, visa compreender a leitura não apenas como um ato individual, mas como uma prática cultural que se reinventa diante das transformações tecnológicas, reafirmando sua relevância na formação do pensamento crítico e na construção da identidade cultural na era digital.

2. Livros e tecnologia: a evolução da leitura

A tecnologia sempre esteve ligada às transformações culturais e sociais da humanidade, desempenhando um papel central na forma como o conhecimento é produzido, reproduzido e consumido pela população. Desde os manuscritos copiados à mão — que demandavam tempo e recursos — até a invenção da prensa de Gutenberg, no século XV, cada inovação técnica contribuiu para ampliar o acesso à leitura e à circulação de saberes.

Antes disso, ler um romance exigia aguardar a publicação de capítulos em folhetos diários ou semanais, e o acesso era restrito, tanto por barreiras financeiras quanto pela limitação da alfabetização, que permanecia privilégio de uma minoria. Com a prensa de Gutenberg, a produção de livros em larga escala tornou-se possível, marcando o início de uma trajetória histórica de democratização e difusão do conhecimento.

No século XX, a revolução digital introduziu novos formatos de leitura e consolidou a tecnologia como mediadora da experiência literária. O surgimento dos livros digitais em formatos como ePub, PDF e Mobi ampliou as possibilidades de leitura e ofereceu compatibilidade com diferentes dispositivos, como computadores, tablets e smartphones. Essa transição reflete o que Chartier (2019) chama de “mutação das práticas de leitura”, na qual o suporte tecnológico não substitui o livro impresso, mas redefine sua função cultural, instaurando novas formas de relação entre texto e leitor.

Segundo o portal PublishNews (2024), o formato digital já representa cerca de 8% do mercado editorial brasileiro, com tendência de crescimento contínuo. Esse avanço demonstra não apenas a adaptação da indústria editorial às demandas tecnológicas, mas também o surgimento de novos hábitos de leitura, mais dinâmicos e interativos. Dispositivos como tablets, smartphones e o Kindle ampliaram o acesso à leitura de modo democrático: são portáteis, econômicos e oferecem recursos de personalização, como ajuste de fonte, brilho e modo noturno. O Kindle, em especial, destaca-se por sua tecnologia de leitura que simula o papel e reduz o cansaço visual, tornando a experiência digital mais próxima da tradicional.

Assim, a leitura digital não apenas facilita o acesso, mas também redefine o próprio ato de ler, integrando-o ao cotidiano contemporâneo. Para Santaella (2013), a leitura na era digital é “fluida, veloz e multifacetada”, exigindo do leitor uma nova postura cognitiva e cultural, capaz de transitar entre linguagens e formatos diversos.

Nesse contexto, o leitor do século XXI constrói uma experiência literária interativa, imediata e conectada, em que as fronteiras entre o impresso e o digital tornam-se cada vez mais tênues. Esse cenário evidencia como a tecnologia, longe de substituir o livro, expande seu alcance simbólico, consolidando-o como elemento central da cultura digital e das práticas de leitura contemporâneas.

3. Leitura digital e suas plataformas

Os formatos de leitura digital são variados, mas destacam-se os e-books, que podem conter apenas texto ou incluir imagens, hiperlinks e recursos multimídia. Paralelamente, observa-se o crescimento expressivo dos audiolivros, cuja popularidade decorre da praticidade em consumir conteúdos durante atividades em que a leitura tradicional seria inviável, como deslocamentos, exercícios físicos e tarefas domésticas. Essa modalidade de leitura auditiva tem conquistado espaço justamente por integrar o hábito literário à rotina diária, sem exigir pausa nas demais atividades.

O mercado editorial brasileiro vem passando por profundas transformações. Dados do E-commerce Brasil (2024) revelam que, embora os livros impressos ainda predominem, o segmento digital apresenta crescimento acelerado. Em 2023, as vendas de exemplares físicos registraram

queda de 8% em volume e 5,1% em faturamento real. Ainda que o digital não substitua o impresso, ele consolida-se como um espaço paralelo e complementar, oferecendo novas formas de consumo literário e ampliando o acesso ao conhecimento.

Como destaca Coscarelli (2016), a leitura digital “não elimina a leitura impressa, mas ressignifica o modo de ler e o papel do leitor na construção do sentido”, o que reforça a coexistência entre os formatos. Segundo o E-commerce Brasil (2024), 75% dos brasileiros preferem ler em smartphones, atraídos pela praticidade e pelo custo reduzido em relação a dispositivos específicos como o Kindle. Contudo, essa escolha apresenta limitações: o desconforto visual, as distrações constantes e a ausência da experiência tátil do livro físico podem comprometer a concentração e o prazer da leitura.

Como aponta Santaella (2018), “o leitor digital é um sujeito conectado, mas também disperso, que alterna entre múltiplas telas e estímulos”. Por outro lado, os e-readers oferecem vantagens como portabilidade, conforto visual e acesso a modelos de assinatura ou bibliotecas virtuais, nas quais o leitor pode explorar amplos acervos mediante planos mensais. O mesmo estudo indica que as bibliotecas digitais foram responsáveis por 44% da receita do mercado editorial digital em 2023, representando um crescimento de 47,6% em relação ao ano anterior.

A leitura digital promove uma integração de formatos, dispositivos e plataformas, transformando a experiência do leitor contemporâneo, que busca flexibilidade e conveniência em meio às rotinas cada vez mais aceleradas. A leitura, antes restrita ao suporte físico, expande-se para ambientes virtuais, audiovisuais e móveis, incorporando-se ao cotidiano e redefinindo o ato de ler. Essa transição tecnológica amplia o acesso e consolida novos hábitos culturais, mais conectados, híbridos e adaptáveis às dinâmicas do mundo digital.

4. Entre rotina e lazer: a facilidade do uso da tecnologia para a leitura no cotidiano

Segundo o portal Extra Classe (Neves, 2024), a mobilidade é um fator de grande impacto no comportamento do leitor contemporâneo, configurando-se como determinante para o desenvolvimento de hábitos de leitura, especialmente entre jovens e adultos que conciliam estudo, trabalho e atividades físicas. A portabilidade dos dispositivos digitais funciona como facilitadora

para indivíduos que passam longos períodos fora de casa, reduzindo as barreiras físicas e logísticas do acesso à leitura.

O Kindle, por exemplo, por ser menor e mais leve que um livro impresso, possibilita a leitura em ambientes de trânsito, como transportes públicos ou intervalos da rotina, favorecendo o contato contínuo com o texto. Entretanto, apesar das inúmeras vantagens, a leitura digital ainda enfrenta desafios importantes.

A desigualdade no acesso à tecnologia e à internet constitui uma barreira significativa à inclusão digital, já que cerca de 20,5 milhões de brasileiros permanecem desconectados, conforme dados do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br, 2023). Essa exclusão representa a perda de um público potencial que poderia usufruir dos benefícios da leitura digital. Além disso, os custos relacionados à aquisição de dispositivos e às assinaturas de plataformas limitam o alcance dessa prática, visto que nem todos possuem condições financeiras para manter tais investimentos.

Outro obstáculo diz respeito à disciplina exigida pela leitura digital, especialmente em dispositivos multifuncionais como smartphones. A presença constante de notificações e múltiplos estímulos pode comprometer a concentração e reduzir a profundidade da leitura. Como observa Chartier (2019), a experiência de ler em ambientes digitais é marcada pela fragmentação e pela dispersão, demandando do leitor uma postura ativa e autorregulada diante do texto.

Desse modo, a tecnologia contribuiu para tornar a leitura mais acessível e presente no cotidiano, mas também impôs novas responsabilidades ao leitor, que precisa desenvolver foco e estratégias de atenção para manter seu vínculo com o ato de ler. Nesse contexto, incentivos externos — como comunidades literárias e influenciadores digitais — e fatores internos — como motivação e prazer estético — tornam-se fundamentais para que a leitura digital se consolide como uma prática cultural significativa e sustentável na contemporaneidade.

5. Os impactos culturais dos booktubers, bookstagramers e booktokers

Com a ascensão das redes sociais, a forma como os livros são consumidos, discutidos e divulgados foi profundamente transformada. Plataformas como YouTube, Instagram e TikTok criaram novos espaços de interação entre leitores, escritores e obras, ampliando o alcance da leitura

e tornando o debate literário mais dinâmico e acessível. Essas redes sociais deram origem a comunidades virtuais voltadas à literatura, nas quais os leitores compartilham experiências, trocam recomendações e produzem conteúdo crítico e criativo.

Esse movimento contribui para a inclusão de públicos diversos, rompendo com o estigma de que a leitura seria uma prática elitizada ou restrita a ambientes formais de ensino. Nesse contexto, surgem os BookTubers, Bookstagrammers e BookTokers, influenciadores literários que desempenham papel essencial na popularização da leitura. O BookTube, originado no YouTube, foi o primeiro espaço digital dedicado à discussão literária por meio de vídeos.

Essa comunidade consolidou-se com a publicação de resenhas, análises temáticas, listas de leitura e indicações de lançamentos, transformando a leitura individual em uma experiência coletiva e interativa. Como observa Primo (2019), as redes digitais instauram uma nova lógica de “interação mediada e recíproca”, na qual o público deixa de ser mero espectador e passa a cocriar sentido com o conteúdo. Assim, o YouTube abriu caminho para uma nova geração de leitores e criadores que utilizam a linguagem audiovisual para difundir o hábito da leitura.

Com o avanço das redes e a fragmentação dos hábitos de consumo, observou-se uma migração de parte dos BookTubers para plataformas de formato mais curto, como o Instagram e o TikTok. Nesses espaços, os Bookstagrammers e BookTokers adaptaram-se à estética do imediatismo e da viralização, utilizando recursos visuais, hashtags e desafios literários para despertar o interesse do público. O impacto dessas plataformas é perceptível no mercado editorial: diversos títulos ganharam destaque nas listas de mais vendidos após viralizarem com a etiqueta “Os queridinhos do TikTok”, que inclusive se tornou uma categoria presente em livrarias e sites de e-commerce.

De acordo com Gomes e Angelucci (2024), os influenciadores literários exercem um papel significativo na democratização da leitura, atingindo públicos que, muitas vezes, não tiveram contato precoce com livros. Ao promoverem leituras coletivas, desafios literários e fóruns de debate, esses criadores de conteúdo fortalecem o hábito de ler e constroem um senso de pertencimento entre leitores.

Entretanto, como adverte Recuero (2020), o engajamento nem sempre implica profundidade crítica, sendo necessário distinguir a visibilidade do conteúdo da sua contribuição

efetiva para a formação leitora. Assim, YouTube, Instagram e TikTok, cada um com suas particularidades, convergem na criação de novas experiências literárias, promovendo a circulação de obras, a formação de comunidades e a construção de identidades leitoras. As redes sociais, ao integrarem tecnologia e literatura, reconfiguram a maneira como os leitores interagem com os textos e com o próprio ato de ler, tornando a leitura uma prática cada vez mais conectada, social e participativa.

6. O futuro da leitura em tempos modernos

A tecnologia está diretamente ligada ao futuro, transformando a vida em sociedade e no âmbito pessoal, e a leitura não fica de fora desse processo. Vivemos em um cenário híbrido, no qual livros impressos e digitais coexistem e se complementam — a existência de um não anula a do outro. A crescente digitalização de plataformas interativas demonstra que esse meio tende a se expandir ainda mais, tornando-se cada vez mais acessível, interativo e personalizado. Além disso, os avanços tecnológicos têm aprimorado a experiência de leitura digital e seus ambientes, adaptando-os às novas demandas de leitores conectados.

O papel das comunidades digitais e dos influenciadores literários representa um desafio contemporâneo. Apesar do aumento no consumo de conteúdos digitais, ainda há uma curva de queda no número de leitores. Nesse contexto, a atuação de mediadores culturais e influenciadores literários torna-se essencial para o fortalecimento do hábito de leitura e o estímulo ao engajamento nas comunidades. Uma pesquisa da CNN Brasil (2025) indica que apenas 20% dos brasileiros utilizam o tempo livre para a leitura. As principais justificativas apresentadas são a falta de tempo, o desinteresse e o difícil acesso a livros, especialmente os físicos, o que contribui para a redução do hábito leitor.

Em tempos modernos, ler não é apenas decodificar palavras, mas refletir sobre ideias, construir conhecimentos, interagir com comunidades e alimentar a cultura. Como afirma Cosson (2018, p. 25), “a leitura é uma prática social que nos permite compreender o mundo e agir sobre ele”. Portanto, a leitura permanece como uma prática central da experiência humana, ainda que

transformada pela tecnologia, a qual amplia o acesso, diversifica os formatos e promove novas formas de engajamento cultural.

7. Conclusão

A análise dos fenômenos ligados à leitura digital evidencia que a tecnologia não apenas ampliou o acesso, mas também modificou profundamente a forma como se lê, favorecendo uma sociedade contemporânea que valoriza a praticidade e a mobilidade. Dispositivos móveis, como tablets e smartphones, tornaram a leitura mais flexível, portátil e adaptável ao ritmo cotidiano, superando barreiras físicas e temporais impostas pelos livros impressos. Como observa Santaella (2013, p. 47), “as novas mídias alteraram os modos de ler e de pensar, fazendo da leitura uma experiência multissemiótica e interativa”.

Em paralelo, o surgimento de comunidades literárias nas redes sociais — por meio de *BookTubers*, *BookTokers* e *Bookstagramers* — demonstra que a leitura contemporânea é uma prática cultural, social e compartilhada, capaz de conectar leitores, influenciar o mercado editorial e fortalecer hábitos de leitura. Tais transformações indicam a consolidação de um cenário híbrido, no qual inovações tecnológicas e tradições impressas coexistem. Nesse sentido, a democratização do acesso dependerá da capacidade de integrar tecnologia, mediação cultural e políticas de incentivo à leitura.

Portanto, a leitura na era digital não conduz à extinção dos livros físicos; pelo contrário, ambos os formatos se complementam, atendendo às diferentes necessidades e rotinas dos indivíduos. A leitura digital, por sua vez, possibilita dinamicidade, amplia as interações entre comunidades e favorece a construção coletiva do conhecimento. Chartier (2014, p. 22) destaca que “as formas de leitura se transformam conforme as materialidades do texto se reinventam”, reforçando que a tecnologia redefine, mas não substitui, o ato de ler.

A leitura permanece como prática central da experiência humana — seja física ou digital —, configurando-se como um ato de resistência cultural e social, uma forma de descanso, de fuga e de desenvolvimento intelectual. Ler vai além de conhecer novos cenários; é um exercício de crítica, raciocínio e memória. À medida que a tecnologia avança, a migração parcial para o meio

digital torna-se não apenas relevante, mas essencial para manter vivo o hábito da leitura e expandir seus horizontes.

8. Referências

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. 3. ed. São Paulo: Unesp, 2019.
COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL (CGI.br). **Pesquisa TIC Domicílios 2023: uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros**. São Paulo: CGI.br, 2023.

COSCARELLI, Carla V. **Leitura digital: múltiplos olhares**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

COSSON, Rildo. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

E-COMMERCE BRASIL. **Panorama do mercado editorial digital no Brasil 2024**. Disponível em: <https://abre.ai/nWQx>. Acesso em: 29 out. 2025.

NEVES, Bárbara. **Mercado digital cresce e muda comportamento de editoras, livreiros e leitores**. Disponível em: <https://abre.ai/nWQt>. Acesso em: 29 out. 2025.

PUBLISHNEWS. **Mercado editorial brasileiro cresce em 2024 e e-books ganham força**. Disponível em: <https://abre.ai/nWQB>. Acesso em: 29 out. 2025.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens e cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2018.